

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO OLHAR DE PROFESSORES DE CABO VERDE, ÁFRICA

Noemi Boer*

Patrícia Paim Lopes**

Resumo: Relata-se, neste artigo, uma pesquisa realizada com professores cabo-verdianos que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Teve-se por objetivo analisar saberes e fazeres desses professores, bem como identificar, a partir de suas concepções, interesses e dificuldades de aprendizagem de seus alunos. A pesquisa foi realizada na ilha de São Vicente, Cabo Verde, África, no mês de fevereiro de 2014, em uma escola pública que cede espaço para o funcionamento do Circo de Cultura, destinado aos alunos da EJA. Os participantes foram onze professores de ambos os sexos e que trabalham com diferentes disciplinas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas gravadas em áudio e transcritas para análise de conteúdo. Metodologicamente, foram utilizadas leituras sobre a cultura daquele país, desenvolvimento escolar e políticas públicas voltadas à educação geral e específica da EJA. O estudo mostra que a educação cabo-verdiana passou por avanço significativo, principalmente após a independência do país, em 1975. Constatou-se também que o Ministério de Educação promove momentos de formação e que alguns participantes estão cursando pós-graduação procurando, com isso, dar maior significado ao ensino e à aprendizagem dos alunos. Por fim, é perceptível o engajamento dos professores em estimular os alunos à conclusão de seus estudos, sendo que todos os participantes relataram ter amor pela EJA e responsabilidade em sua prática docente.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Cabo Verde. Formação de professores.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Cabo Verde, tem se desenvolvido com apoio dos governos que promovem políticas públicas voltadas à melhoria daqueles que, por diversos motivos, não continuaram seus estudos na idade ideal.

O trabalho com pessoas jovens e adultas exige do professor, além da formação inicial, que deveria ser de nível superior, a formação continuada, entendida como a capacitação em serviço, representada pela realização de cursos de suplência e/ou atualização dos conteúdos curriculares de ensino. O professor de EJA necessita dominar técnicas e metodologias capazes de não somente adentrar o universo dos educandos, como também de fazê-los compreender que

* Professora do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria, RS e do Programa de Pós-graduação, Ensino Científico e Tecnológico, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Santo Ângelo. Doutora em Educação Científica e Tecnológica (UFSC).

** Formanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Franciscano, professora na rede particular de ensino de Santa Maria, RS.



sua busca por concluir os estudos é necessária para sua formação. Nesse sentido, o principal objetivo da EJA é auxiliar cada indivíduo a desenvolver suas habilidades para tornar-se aquilo que tem capacidade para ser.

O interesse pela EJA é decorrente de leituras e reflexões acerca da obra de Paulo Freire (1987, 1996, 2004), que é um dos grandes mentores da alfabetização de adultos no Brasil e no mundo. O aporte teórico contempla também autores como Pablo Gentili (2001); Leôncio José Gomes Soares (2002); Ivani Fazenda (1995); Antônio Nóvoa (1995; 2009), entre outros autores.

A escolha por Cabo Verde, como *locus* da pesquisa, justifica-se também pela vivência que a segunda autora deste estudo teve naquele país. Por um período de vinte meses, prestou trabalho eclesial, como missionária de Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nas ilhas de São Vicente, Santiago, São Felipe e Santo Antão.

O país tem um alto número de pessoas adultas não alfabetizadas, jovens que não frequentam a escola, sendo que a maioria deles tem uma vida educacional precária. De acordo com Furtado (2008), antes da independência, em 1975, a educação em Cabo Verde, visava formar cidadãos sintonizados à cultura e aos interesses portugueses. Esse autor descreve que, em 1977, a taxa de analfabetismo no país era superior a 60%. Naquele período, foi estabelecida como meta, a redução do analfabetismo em 20% até a década de 1990. Em 1993, o índice de analfabetismo era de 28,5 %, e, em 2008, chegou em torno de 20% (FURTADO, 2008).

Um dos fatores apontados para a redução dos índices de analfabetismo, em Cabo Verde, foi o alargamento do Ensino Básico Integrado (EBI) em seis anos, proporcionado pela reforma do sistema educacional, em 1990 (FURTADO, 2008). Apesar dos investimentos governamentais na área educacional, nas ilhas menores e menos povoadas, a formação dos professores é deficiente. Muitos ainda não têm curso superior. Para atuar em sala de aula, o professor, apenas com o ensino médio, realiza uma prova e está apto a dar aulas.

O trabalho teve por objetivo geral analisar os significados e sentidos atribuídos aos saberes e fazeres da atuação docente na EJA por professores cabo-verdianos. Especificadamente, procurou-se estudar a educação cabo-verdiana, em especial as práticas da EJA; identificar as principais metodologias e estratégias de ensino utilizadas pelos professores da EJA; analisar que entendimentos os professores entrevistados têm acerca dos referenciais teóricos que fundamentam suas práticas docentes; identificar, a partir das concepções dos professores, dificuldades de aprendizagem e interesses de alunos EJA.



2 Aporte teórico

A fundamentação teórica tem como pano de fundo a EJA e as questões a ela relacionadas e está organizada em duas partes. Na primeira, apresentam-se considerações referentes à educação e ao papel do professor como mediador da aprendizagem do aluno e, na segunda parte, descreve-se a educação em Cabo Verde.

2.1 Educação e o papel do professor

A EJA é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas voltadas à reparação para os que não tiveram acesso à escrita e à leitura, como bens sociais na escola ou fora dela.

Resumindo de maneira simples o pensamento de Paulo Freire, “mulheres e homens, somos os únicos seres que social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender” (2004, p.69). Isso leva a crer que todo ser humano aprende, quando lhe são oferecidas as condições adequadas às suas necessidades físicas e psicológicas. Este autor declara que aprender é uma aventura criadora, é algo mais rico do que repetir a lição, isto é, algo que vai além da decodificação das palavras. “Aprender para nós é construir, reconstruir, contatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito” (FREIRE, 2004, p.69).

Assim, a função reparadora da EJA, em seu limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado (SOARES, 2002). O direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Isso está de acordo com o que escreve Nóvoa (2009) sobre o transbordamento da modernidade escolar. O autor explica que a escola começou com instrução, mas foi agregando às suas funções a formação pessoal e moral, a educação para a cidadania e para os valores. O discurso da cidadania é adotado por grupos de educação distintos, pois “é preciso ir além do ato de instruir e promover uma autêntica educação do caráter e do espírito (NÓVOA, 2009, p. 21).

A EJA não deixa de ser um direito de cidadania que está indissociável à construção da identidade do sujeito. Os alunos que procuram a EJA são, na grande maioria, indivíduos que, por diversos motivos, não puderam frequentar a escola em suas idades adequadas, devido a diferentes necessidades como, por exemplo, trabalho, gravidez na adolescência, difícil acesso à escola, entre outros. Esses alunos encontram na EJA uma maneira pela qual possam se reinserir na escola e na sociedade. Freire (1989) entende o processo de aprendizagem como um



construir e reconstruir o conhecimento. Aprender para mudar a si mesmo está de acordo com os anseios dos sujeitos que procuram a EJA como meio de realização de pequenos atos sociais.

Nesse sentido, a escola e o professor têm o papel fundamental de mostrar aos que procuram a EJA que não se deve ter constrangimento e, sim, orgulho de voltar a estudar. Freire (1996) afirma que “mudar é difícil”, mas é possível ajudar as pessoas a identificarem o valor e a utilidade do estudo. Nas palavras de Fazenda (1995, p.13), “[...] a cada dificuldade superada vejo que os educadores cresceram, tornando-se identidades – da descrença à crença, da impossibilidade ao possível, do virtual ao real, do sonhado ao construído”. Portanto, o processo de gestão e criação do ato de conhecer, mesmo que subjetivo, perpassa os vários momentos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária.

Segundo Gentili (2001, p.116), o professor tem um papel a cumprir, aparentemente, nada grandioso: “Na verdade, tudo imenso, no anônimo heroísmo do cotidiano, do miúdo e libertador trabalho da sala de aula, com a consciência de que, como ensina Carlos Rodrigues Brandão, ‘a escola não muda o mundo: pode e deve mudar as pessoas’ ”.

Esse mesmo autor apresenta argumentos relativos ao ato pedagógico em que o professor é aquele que conduz ao propor atividades ligadas ao cotidiano; ao relacionar os conteúdos a atividades significativas; ao elaborar aulas estimulantes e dinâmicas; ao utilizar a experiência da turma como base na elaboração das aulas e dos projetos; ampliar os horizontes culturais dos alunos; criar um ambiente receptivo para esses educandos; ser receptivo para conversar; mostrar que o saber do professor não é mais importante que o deles e que a aula é um momento para troca de experiências; valorizar o conhecimento e as habilidades de cada aluno e utilizá-los em sala de aula e promover o sentimento de grupo e autoestima pessoal (GENTILI, 2001).

Na visão de Gentili (2001), “o professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente” (p.19). A atitude estimulante e provocadora do professor contribui para o ajustamento de comportamentos dos alunos, gerando um clima saudável em sala de aula. Nesse contexto, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tornam-se a tônica do comportamento da aula como grupo.

Consoante a esse ponto de vista, Nóvoa (2009) explica que o papel do professor consiste na construção de práticas que conduzem à aprendizagem. Ser professor, afirma o autor, consiste em entender os sentidos da instituição escolar ligados à cultura profissional. Ser professor é aprender com os colegas mais experientes: é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. Ser professor é assumir um compromisso social com princípios,



valores, inclusão social e diversidade cultural. Educar é conseguir ultrapassar as fronteiras impostas pela família do aluno e pela sociedade. Isso requer “a serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar” (NÓVOA, 2009, p. 12). Nessa citação, o autor defende que a permanência do aluno na escola passa pela sedução do professor e isso é uma competência da docência.

A educação existiu e existe desde os primórdios da humanidade, quando os homens ainda viviam em comunidades nômades. Tem, portanto, um caráter histórico e engloba os processos de ensinar e aprender. Para Freire (1996, p. 26), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Isso significa que o meio, os hábitos, os costumes e valores de uma comunidade são transmitidos de uma geração para a outra geração com dados adquiridos dos mais velhos para os mais novos. A educação não formal vai se desenvolvendo por meio de situações presenciadas e experiências vividas pelo indivíduo ao longo da vida.

Educação, no sentido formal, é todo o processo contínuo de formação ligado ao ensino e aprendizagem que faz parte do currículo escolar, seja ele de escola pública ou privada. A escola tem um papel importante no desenvolvimento social, cultural e intelectual dos indivíduos. Nessa linha de raciocínio, a educação pode ser definida como uma maneira de o indivíduo se preparar para viver a cultura. “Pode-se descrever a cultura mostrando como o indivíduo a assimila e como nela se constitui” (BRANDÃO, 2006, p.22). Nessa perspectiva, a educação é extremamente necessária para os indivíduos em toda e qualquer geração porque, nas palavras do autor supracitado, “é, ao mesmo tempo, uma instituição que o indivíduo encontra e o meio que ele tem para encontrar as instituições” (p.22). Nas palavras de Luzzi (2012), os sistemas de ensino desenvolveram-se com o avanço das ciências, mas a educação depende do estado cultural de uma determinada geração.

Ao mostrar entusiasmo pela docência e ser engajado em sua prática, o educador mostra que ainda a educação é caminho para a mudança de realidades sociais e econômicas na atualidade.

2.2 A educação em Cabo Verde

A educação formal, em Cabo Verde, teve início na cidade da Praia com a primeira escola primária do arquipélago, denominada Escola Central (atualmente conhecida por Escola Grande). Durante muito tempo, foi a única escola primária a existir na cidade da Praia. Só a partir da década de 1960, é que começaram a ter outras instalações para o ensino primário, em



bairros à volta do *Plateau* e outras localidades da ilha. Atualmente, existem mais de 30 escolas de Ensino Básico.

Praia foi a primeira ilha em Cabo Verde onde se instituiu o ensino secundário, com a criação do Liceu Nacional, em 1861. No entanto, as autoridades portuguesas não estavam interessadas em implantar o ensino secundário em Cabo Verde e o Liceu acabou por fechar devido às dificuldades. Desse modo, o ensino secundário passou a ser, posteriormente, tarefa do Liceu em Mindelo. Só em 1960, é que Praia voltaria a ter ensino secundário, primeiro instalado num edifício na frente da Praça 12 de Setembro e, depois, em edifício próprio.

Com a busca à universalização do ensino em Cabo Verde, na década de 1990, foram construídas várias escolas. No ensino superior, destacam-se a Universidade de Cabo Verde e a Universidade Jean Piaget, de Cabo Verde (REIS, 2009).

Atualmente, o Ministério da Educação administra o ensino em todas as ilhas do arquipélago. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 103 111, de 20 de dezembro de 1990, estabelece, no seu artigo 11º, que a escola cabo-verdiana deve ser um centro educativo capaz de proporcionar o desenvolvimento global do educando, com o propósito de fazer dele um cidadão apto a intervir, criativamente, na elevação do nível de vida da sociedade (CABO VERDE, 1990).

Segundo esse documento, para auxiliar na formação do aluno como cidadão, a escola tem como tarefa proporcionar à geração mais jovem a consciência crítica das realidades nacionais e estreitar as ligações do ensino e de aprendizagem com o trabalho, favorecendo a assimilação consciente dos conhecimentos científicos e técnicos necessários ao processo global do desenvolvimento do país.

2.1.1 Educação pré-escolar e primária

Conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o sistema educativo de Cabo Verde está dividido em educação pré-escolar, educação escolar e educação extraescolar. A educação pré-escolar é a fase em que a criança é inserida em um espaço escolar formal. É desenvolvido em jardins de infância ou em instituições análogas, reconhecidas oficialmente. Destina-se a crianças a partir dos quatro anos e a família tem a responsabilidade com a propina. A educação pré-escolar tem como objetivo apoiar o desenvolvimento equilibrado das potencialidades, possibilitando à criança a compreensão do meio que a cerca. Dessa forma, facilitará o processo de socialização da criança, contribuindo, assim, para a estabilidade e segurança afetiva da criança (CABO VERDE, 1990).



A educação primária, no ensino básico, tem duração de oito anos e compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1º de quatro anos, o 2º e o 3º de dois anos cada. Toda criança cabo-verdiana, que completa seis anos até 31 de dezembro, tem direito a ingressar no ensino primário gratuito. O ensino primário tem por objetivo favorecer a aquisição de conhecimentos, hábitos, atitudes e habilidades que contribuam para o desenvolvimento pessoal; fortalecer os vínculos de família; promover o domínio da língua portuguesa como instrumento de comunicação e de estudo, reforçando a capacidade de expressão oral e escrita do educando (CABO VERDE, 2010).

No *primeiro ciclo*, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas. Sua organização visa ao desenvolvimento da linguagem oral e à iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, assim como a interação professor aluno. No *segundo ciclo*, o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica e desenvolve-se em regime docente por área. Este ciclo compreende a formação humanística, artística, física e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica. Objetiva habilitar os alunos a interpretarem de modo crítico, a informação, possibilitando a aquisição de conhecimentos que permitam o prosseguimento de sua formação. No *terceiro ciclo*, o ensino está organizado em plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas e se desenvolve com um docente por disciplina CABO VERDE, 2010).

2.2.2 Ensino Secundário

O ensino secundário tem duração de quatro anos. Segundo o artigo 24, da Lei de Diretrizes e Bases, o ensino secundário visa à aquisição das bases científico-tecnológicas e culturais necessárias ao prosseguimento de estudos e ingresso na vida ativa e, em particular, permite, pelas vias técnicas, artísticas e profissionais, a aquisição de qualificação profissional para inserção no mercado de trabalho (CABO VERDE, 2010). Nessa fase do processo educativo, o jovem que reprovar dois anos seguidos, perde o direito à escola gratuita. Esse fato desencadeia um olhar especial por parte da família que teme ter que colocar seu filho em uma escola particular. A Constituição do país garante a todos a liberdade de aprender, de educar e de ensinar. Assim, chegamos à educação de jovens e adultos que proporciona um reencontro aos que, por diversos motivos, interromperam seus estudos.



2.2.3 Educação de Jovens e Adultos

Durante o período colonial, o ensino básico em Cabo Verde estava voltado às crianças mais privilegiadas, ficando a maioria fora do sistema educativo, e os adultos, não tendo acesso ao ensino, fizeram com que o analfabetismo se alastrasse em todas as ilhas.

Documentos analisados por Teixeira (2006) indicam que o registro mais antigo a respeito da educação básica de adultos (EBA) iniciou-se oficialmente em Cabo Verde, em meados de 1960. Ainda, segundo esse autor, o Boletim Oficial nº 5, de 29 de Janeiro de 1966, mostra que o governador Leão Maria de Tavares Rosário do Sacramento Monteiro determina que “[...] é autorizado o funcionamento no ano letivo 1965/1966 dos seguintes cursos de Educação de Adultos: Boa Vista, Brava, Fogo, Maio, Praia, Santa Catarina, São Nicolau, Ribeira Grande, Tarrafal de Santiago e São Vicente” (TEIXEIRA, 2006, p.52).

Devido à grande taxa de analfabetismo na fase jovem e adulta, após a independência do país em 1975, a prioridade do governo era a educação de crianças, jovens e adultos. É nesse momento que o país começa a dar os primeiros passos para a implementação de um ensino primário, obrigatório e gratuito de 4 anos para as crianças e se organizam as primeiras campanhas de luta contra o analfabetismo de jovens e de adultos.

Teixeira (2006) relata que, em 1976, a alfabetização e a educação básica de adultos começaram a fazer parte do sistema educativo formal. Em 1977, foi criado o primeiro manual próprio para adultos, *No Djunta Mon*, inspirado no método de Alfabetização Cultural, de Paulo Freire. O manual *No Djunta Mon* que, em português, significa “juntemos as mãos”, indica o começo de uma diferenciação de um sistema de alfabetização com procedimentos distintos do infantil. Assim, em 1983, com a chegada a Cabo Verde, a equipe brasileira do Instituto de Ação Cultural (IDAC), criado por Paulo Freire, elabora o manual, *Dja Tchiga Ora*. Também surge a criação dos Centros de Cultura e Atividades de Alfabetização, que tinha como objetivo erradicar o analfabetismo. Paulo Freire foi quem coordenou uma equipe de técnicos e apoiou as primeiras campanhas de alfabetização em Cabo Verde, onde a alfabetização e a consciencialização aparecem de mãos dadas. Nessa época, Paulo Freire realiza formação dos coordenadores e alfabetizadores (TEIXEIRA, 2006).

A Direção Geral de Educação e Alfabetização de Adultos (DGAEA) é quem atualmente gerencia a EJA no país. Em 2005, ela muda o nível de Ensino Secundário com a criação do Ensino Recorrente (7º e 8º anos de escolaridade), com as primeiras experiências realizadas em Santiago e em São Vicente. Referente a esse aspecto, a Lei de Diretrizes e Bases esclarece que o Serviço Educação e Formação de Adulto Ensino Recorrente (SEFAER) tem, por missão,

promover e apoiar as atividades da formação de adultos (CABO VERDE, 2010). Esse documento enfatiza a educação ao longo da vida, voltada à promoção cultural e qualificação de jovens e adultos para o exercício de uma profissão.

Nessa perspectiva, o Ensino Recorrente em sua missão de promover e apoiar atividades para a qualificação no processo de ensino e aprendizagem do jovem adulto tem alcançado, em suas ações, a importância dos estudos para o exercício de uma profissão e para dar segmento à vida em uma sociedade culta.

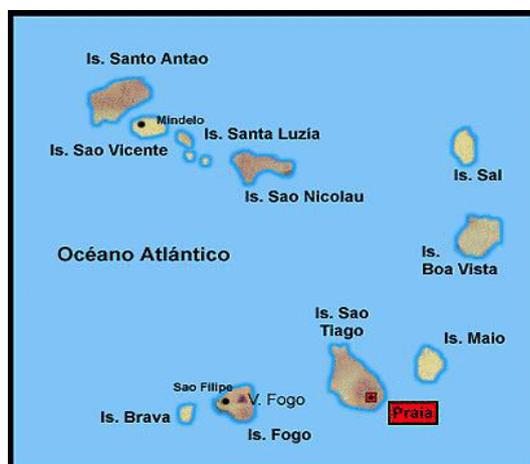
3 Metodologia

A metodologia, organizada em dois tópicos, descreve o *locus* da pesquisa, o delineamento do estudo e a caracterização dos participantes.

3.1 *Locus* da pesquisa

O *locus* da pesquisa foi a cidade de Mindelo, localizada na ilha de São Vicente, Cabo Verde, África. A República de Cabo Verde é um país formado por um arquipélago de origem vulcânica e constituído por dez ilhas: Santiago, Sal, São Felipe, Brava, São Vicente, Boa Vista, Maio, Santo Antão, Santa Luzia e São Nicolau (Figura 1). Está localizado no Oceano Atlântico, a oeste de Dacar e Senegal. Foi descoberto em 1460, por Diogo Gomes, a serviço da coroa portuguesa, que encontrou as ilhas desabitadas e, aparentemente, sem indícios de anterior presença humana. Foi colônia de Portugal desde o século XV até sua independência em 1975 (TEIXEIRA, 2006).

Figura 1- República de Cabo Verde, África.



Fonte: Disponível em <www.caboverde.cv>.



A língua oficial do país é o português, usada nas escolas, na administração pública, na imprensa e nas publicações. A língua do povo é o crioulo cabo-verdiano, sendo que cada ilha tem um crioulo diferente. O crioulo está oficialmente em processo de normalização (criação de uma norma) e discute-se a sua adaptação como segunda língua oficial, ao lado do português.

A ilha de São Vicente foi descoberta em 1462 e é a terceira ilha mais populosa de Cabo Verde. Embora seja de origem vulcânica, a ilha é relativamente plana e ficou inabitada até o séc. XIX. Foram muitas as tentativas de habitá-la, mas isto só foi possível com a construção do Porto Grande, em 1838, ponto de paragem para os barcos que cruzavam o Atlântico (TEIXEIRA, 2006). De aspecto úmido e árido, tem na pesca, no turismo e na exploração do seu movimentado porto a base de sua economia. Devido à falta de chuva, a agricultura é de subsistência. A população de São Vicente, pelo censo de 2000, é de 69.681 habitantes (ALMEIDA, 2009).

3.2 Delineamento e participantes da pesquisa

A pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa e se caracteriza como um estudo transversal. Para Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa é a modalidade que vai lidar com as interpretações das realidades sociais e que possibilita uma relação dinâmica entre o mundo real, sujeitos da pesquisa e pesquisador.

Gil (2007) explica que as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população, ou também o estabelecimento de relações entre as variáveis, utilizando de técnicas padronizadas para a coleta de dados. Para o mesmo autor, além de descritiva, a pesquisa pode ter o caráter exploratório que propicia maior familiaridade com o problema, visando a torná-lo mais explícito, com planejamento bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado. Nesse sentido, a pesquisa exploratória estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre o tema, objeto ou conceito a ser pesquisado. É utilizada quando se buscam percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretação.

Os participantes da pesquisa foram 11 professores cabo-verdianos, de ambos os sexos, que trabalham com a EJA, independente da disciplina que lecionam. A idade variou entre 35 e 56 anos. Dos entrevistados, somente um não possui curso superior, todos pertencem ao quadro de professores da rede pública de Cabo Verde. O tempo de experiência de trabalho na EJA varia entre: menos de 5 anos (03 professores); entre 5 e 10 anos (03 professores); entre 10 e 20 anos

(01 professores); entre 20 e 30 anos (04 professores). Neste estudo, são identificados por P (professor) seguido de um número a eles atribuído.

Como critério de inclusão na pesquisa, foram considerados professores que tinham, no mínimo, um ano de experiência na docência com a EJA e que aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, independente do sexo, idade ou disciplina que lecionam.

Para a coleta de dados, foi utilizada uma Ficha de registro de informações dos dados pessoais e formação profissional e uma entrevista semiestruturada, com roteiro de dez perguntas. As entrevistas foram realizadas em horários previamente agendados, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2004).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Franciscano, conforme prevê a Resolução 466/12 CNS-MS, com parecer número 98.549, de 17 de dezembro de 2013.

4 Resultados da discussão

A *primeira questão* da entrevista teve por objetivo identificar de que maneira os participantes iniciaram seu trabalho na EJA. Dos onze participantes (P), apenas um se refere aos estudos universitários como motivo para trabalhar na EJA. Os demais mencionaram decisão pessoal ou questões relacionadas ao próprio trabalho. Os depoimentos a seguir ilustram essas informações.

Eu iniciei meu trabalho na EJA há 13 anos, foi uma questão pessoal. Foi a primeira experiência que tive até chamava de experiência piloto, pois já tinha, em Cabo Verde, o ensino primário para EJA, a parte básica, e então iniciou o secundário que hoje é o decorrente. Apesar de não ter formação, eu tinha a língua portuguesa, foi um desafio grande e eu não estava preparada. Foi a primeira vez que eu estava na EJA, quando eu vi, eu estava na sala de aula e fiz aquilo que eu sabia fazer e, pois, na universidade eu não aprendi, foi na prática. (P3).

Desde terna idade, sempre gostei de ensinar os outros. Eu admirava minha professora que nos ensinava com todo carinho, tudo com muita calma e, então, eu sonhava em ser professora. Um dia apareceu essa chance de tentar esse sonho. Não foi com criança, mas com os jovens adultos. Houve alguns desafios, mas eu fui me acostumando e é um trabalho bastante satisfatório, maravilhoso ensinar o mundo da escrita a eles [alunos]. Aprendemos muito, gosto do que faço, amo a educação. (P8).

Nóvoa (1995, p.14) enfatiza que o saber ensinar é algo relevante na profissão do professor e que a “maneira de ensinar evolui com o tempo e com as mudanças sociais”. Assim, como o sonho da participante P8 era ensinar, este foi alcançado e, com o passar dos anos, colocado em prática para interferir e melhorar a sociedade.

A *segunda questão* teve por objetivo analisar se os participantes consideram que as políticas públicas do país atendem às necessidades de aprendizagem dos alunos da EJA. Dos onze entrevistados, seis consideram que as políticas não são ruins, mas têm muito a melhorar. Um participante diz ser ruim, tendo uma diferença significativa entre o ensino privado e o público; três relatam ser boa devida à realidade socioeconômica de Cabo Verde, como mostram os relatos:

Dentro dos limites das exigências, acho que não falta alguma coisa. Para trabalhar com jovens e adultos, além de formação, exige experiência. Mas eu já tinha uma experiência, pois trabalhei muito na ilha de Santo Antão. [...] sabemos que trabalhar com a EJA não é trabalhar com criança e muitos de nós professores sentimos que há falta de mais formação (P5).

Concordo que nem tudo está bem em Cabo Verde, já foi reconhecido pela ONU pelo trabalho que faz com jovens e adultos. O governo, além de se preocupar com o conhecimento dos alunos da EJA, se preocupa com a forma de ensinar (P7).

Observa-se que, na concepção dos participantes, as políticas educacionais atendem parcialmente às necessidades dos alunos e professores da EJA. Conforme as palavras de Freire (1996, p. 18), “mudar é difícil, mas é possível”.

A *terceira questão* teve por objetivo saber quais os autores ou teorias os participantes consideram referência para a EJA. Dos onze participantes, seis citam Paulo Freire como base principal para seu trabalho na EJA, como se pode observar nas seguintes falas:

Nós temos vários [autores]. Paulo Freire participou desde o início na organização da EJA em Cabo Verde. Ele formou os professores e toda política educativa é freiriana (P6).

Paulo Freire é primordial. A pedagogia da autonomia e vários livros que ele editou (P7).

Historicamente, sabe-se que Paulo Freire foi o grande mentor da educação de jovens e adultos na África. O Relatório de Educação de Jovens e Adultos nos países de língua portuguesa aponta que, nos países africanos e sudeste asiático de língua portuguesa, grandes esforços em prol da educação de jovens e adultos foram empreendidos a partir da segunda metade da década de 1970 (UNESCO, 2007).

Na sequência da entrevista, procurou-se saber se os entrevistados encontraram dificuldades para se apropriarem dos conhecimentos necessários à docência na EJA e se esses conhecimentos foram adquiridos na universidade ou na formação continuada ligada à prática docente.

Cinco entrevistados disseram não encontrar dificuldades para trabalhar com a EJA e que a prática diária da sala de aula os auxiliou; três relatam ter encontrado dificuldade, mas que o

curso de pós-graduação auxiliou; outros três professores apontam que a prática docente é fundamental, como se expressou P7: “ensinar é uma contínua aprendizagem”. Nesse sentido, retoma-se o pensamento de Nóvoa (2009) a respeito do desenvolvimento profissional. A primeira medida que ele defende é que “é preciso passar a formação de professores para dentro da profissão” (p. 6). O autor sublinha a necessidade de formação com os colegas e que a comunidade dos professores precisa ser permeável, para que ocorram mudanças significativas.

Na *quinta questão*, solicitou-se para os entrevistados descreverem como são suas aulas na EJA e quais as metodologias privilegiadas em suas atividades docentes. Cinco professores apontam o diálogo professor-aluno e a participação ativa em sala de aula como metodologia de ensino; dois deles relatam que preparam suas aulas semanalmente, tendo como alvo principal a aprendizagem do aluno; dois iniciam suas aulas de forma dinâmica e lúdica, a fim de preparar o ambiente de sala da aula para o educando; dois relatam que desenvolvem trabalho de grupo, trabalho com livro didático e avaliação bimestral, de forma que suas aulas sejam um espaço de integração e aquisição de conhecimento para seus alunos, conforme depoimentos a seguir:

Começo as aulas descontraídas, tento ver o ambiente. Na matéria nova eles têm a palavra, depois explico, tiro dúvidas. Acredito que aí se forma o conhecimento. Nota não é tão importante. A aula é um incentivo: você pode chegar sem nada, mas precisam sair daqui com alguma coisa. Eu peço TPC e não gosto de perguntas diretas, mas sim de raciocínio e desenvolvimento. Como ensino história e geografia eu utilizo data show, pois, se precisam mostrar as gravuras (P4).

Permitindo a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Metodologias: explicativa com diálogo, ensino por fichas (P1).

Nesse sentido, Freire (1989, p.93) ressalta o diálogo como “o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo”. Ao proporcionar o diálogo com os alunos da EJA, o professor permite que esses estudantes consigam sentir-se à vontade ao falar em público. Oliveira e Santos (2007, p.10) reafirmam que “o diálogo em Paulo Freire está relacionado à autonomia dos sujeitos. Ele tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e, assim, crescem um com o outro”. Disso se conclui que a utilização do diálogo, em sala de aula, viabiliza a autonomia do sujeito.

Questionar se os recursos disponibilizados pela escola são adequados e atendem às necessidades de aprendizagem dos alunos da EJA foi o objetivo da *sexta questão*. Dos onze entrevistados, sete relatam que os recursos não atendem às necessidades dos alunos, pois há falta de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que ainda são precárias; dois dizem que o que os inquieta é o espaço, pois a EJA, em Cabo Verde, funciona em Centros



de Cultura e não em uma escola de ensino regular. Apenas dois professores indicaram que os recursos disponíveis para o ensino são bons, principalmente na ilha em que atuam.

Não atendem porque, se eu preciso usar um computador, tenho que trazer de casa e assumir a responsabilidade até com o datashow. Há muita carência de materiais (P4).

Os recursos são fracos em termos de materiais didáticos. Tudo isso dificulta a aprendizagem e, por isso, que eu tenho que trabalhar de forma que eu entenda a realidade do nosso país (P5).

Quanto à implementação das TICs, na EJA, observam-se fragilidades no contexto daquele país. Entende-se que as tecnologias da informação são ferramentas que podem facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Assim, tanto os educadores como os órgãos que fazem a gestão da educação no país precisam considerar que os alunos vivem em meio às tecnologias digitais e que essas tecnologias devem ser disponibilizadas como ferramentas que podem facilitar o trabalho do professor e potencializar a aprendizagem dos alunos.

Interesse e estímulo ao estudo foi o tema da *sétima questão* proposta na entrevista. Dos onze participantes, seis relatam que os alunos não demonstram interesse pelo estudo, mas recebem estímulos na escola; dois expõem a diversidade de alunos em sala de aula, mostrando que os mais velhos demonstram maior interesse pelo estudo; três entrevistados relatam que seus alunos têm interesse, mas que o emprego chama mais atenção devido à falta de trabalho na ilha de São Vicente e, assim, quando aparece uma oportunidade, eles acabam desistindo dos estudos. Os relatos de P4, P7 e P8, apresentados a seguir, exemplificam a situação em pauta.

Sim, então, os [alunos] que têm mais idade são mais interessados. Os mais novos reprovam e perdem o direito e vêm para o ensino recorrente. Há muitos que vêm e não passam do primeiro bimestre. Quanto aos estímulos, a escola ajuda, a igreja ajuda e há colegas que ajudam para que possam concluir [os estudos] (P4).

A heterogeneidade na sala [de aula] não é conveniente. Eu proponho que a faixa etária de idade estivesse mais próxima, porque um jovem tem um interesse diferente de um adulto e o ideal seria uma turma mais homogênea (P7).

Sempre trabalhamos com o Circo da Cultura. Cada Circo é uma realidade e cada pessoa é uma pessoa. Somos todos diferentes, mas iguais. Cada um tem sua personalidade, situação econômica, outros [alunos são] de zona mais difíceis. Trabalhamos em grupos e projetos, mas nós professores tratamos os alunos com igualdade. Em alguns [casos] pensamos em estratégias para ajudar no comportamento (P8).

O discurso dos participantes remete à sala de aula de jovens e adultos nos dias atuais e às palavras do P7. A heterogeneidade quanto à idade dos alunos implica não só o interesse e comportamento, mas também o desenvolvimento cognitivo, como se refere Vóvio (2010, p.

68), alunos formam “um grupo bastante heterogêneo, tanto no que diz respeito aos ciclos de vida [...] como suas disposições para aprender, as suas necessidades formativas, como em relação às representações sobre o ler e escrever [...]. Os aspectos destacados pelo autor são realidades da maior parte das salas de aula, o que exige do professor habilidade e discernimento para atender às particularidades dos alunos.

A oitava questão proposta aos entrevistados fez referências às principais dificuldades apresentadas pelos alunos e à maneira como os professores fazem a mediação dessas dificuldades. Dos onze participantes, nove mencionaram dificuldades financeiras e, conseqüentemente, o pagamento da propina como empecilho principal. A mediação dos professores é realizada com diálogo, tolerância de horário e dispensas, pois muitos alunos recebem uma oportunidade de emprego temporário, muitas vezes, em outra ilha, o que faz com que eles cheguem atrasados às aulas ou simplesmente falem por semanas inteiras, como mostram os relatos:

As dificuldades que a maior parte [dos alunos] tem é ter o material e a propina. Então eu incentivo a fazerem amizades com os [alunos] das outras turmas e eu trabalho o mesmo texto. Assim, um empresta o material para o outro e esta é uma forma de ajudar. A propina do primeiro ciclo é de mil escudos, no segundo, dois mil escudos e é obrigatória, mas nós temos o lado mais social. Quando [o aluno] não tem condições, envia um pedido de isenção (P7).

A maioria [dos alunos] trabalha. Aí não podem ir à escola e, às vezes, dizem: “professora encontrei um trabalho por uma semana”. O que vamos fazer? Temos que liberar [esses alunos], aí eu empresto meu caderno de anotações para eles acompanharem (P10).

A análise que se faz aqui é que as dificuldades dos alunos, citadas pelos professores, estão coerentes com a história da EJA, em que o empecilho financeiro foi, na maioria dos casos, motivo de desistências dos estudos na idade adequada. Ainda hoje, devido à economia do país e à falta de emprego, persiste essa fragilidade na educação da população. Em um país como Cabo Verde, formado por um arquipélago, esse problema é mais um agravante devido ao deslocamento de uma ilha a outra, realizado de barco ou de avião. Isto se reflete em sala de aula, principalmente da EJA. O depoimento de P10 reforça este quadro: “meu aluno, às vezes falta uma semana de aula o que, em algumas escolas, leva à reprovação”. Mas o olhar atencioso do professor e, principalmente, a consciência de que esse aluno precisa ser incentivado para continuar seus estudos faz com que ele vença os obstáculos, conclui o professor P10.

Um dos participantes relata que os alunos apresentam dificuldades significativas na escrita e na linguagem, principalmente do português, em decorrência de estarem acostumados à fala de sua língua local, o crioulo. Outro professor identifica, como dificuldade, a família do

aluno, principalmente as mulheres, porque os maridos não consideram necessária a frequência escolar e por acreditarem que a mulher é importante nas atividades domésticas.

A *nona questão* realizada aos entrevistados diz respeito às características pessoais e profissionais mais importantes que um professor da EJA deve ter. Os onze participantes apontam, como características pessoais, responsabilidade, amor, diálogo e o respeito ao aluno. Nas características profissionais, quatro participantes expressam o comprometimento com o trabalho; dois, com o domínio didático; dois, com a pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e nos acontecimentos do mundo; dois, que deve ser ativo e ter em si o poder de decisão, e um, o educador deve ter a autoridade, mas não ser autoritário. Os depoimentos de P1, P4, P5 e P11 foram selecionados para exemplificar o tema em questão.

Características pessoais: comunicativo, compreensivo, amigo, atencioso, dinâmico, gostar do que faz e ter senso de humor. Características profissionais: orientador, exigente profissionalmente, ter domínio do conteúdo pedagógico, comunicativo, criativo didático, reflexivo, flexível e responsável (P1).

Eu acho que todos devem ter responsabilidade, ética, saber mediar o que acontece em sala de aula. A ética porque um deixa fazer algo e outro não. Amor à profissão, mesmo com o baixo salário, porque esta é a profissão que se escolheu (P4).

Características pessoais: têm que ser com certa personalidade, carisma, responsável. Profissionais: em respeito a seu trabalho, no fundo [o professor] tem que ser um pesquisador, na internet ou em outros locais, sempre se atualizar porque sabemos que precisamos estar atentos ao mundo (P5).

Características pessoais: devem ser responsáveis deve deixar seus problemas em casa, ser bem apresentável, carinhoso, amoroso. Características profissionais: faculta o ensino e aprendizagem, aberto, tolerante, ativo, ter poder de decisão (P11).

Diante disso, constata-se que os professores entrevistados consideram o diálogo e o amor ao ser humano características importantes e inerentes à profissão docente. Freire (1989) sinalizou que “o diálogo é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando na relação eu-tu”. Nesse sentido, a prática do diálogo facilita as relações professor aluno e desses com os colegas. Desse modo, o aluno terá motivos para estar na sala de aula e, conseqüentemente, haverá a troca de vivência e conhecimento, chegando, assim, à aprendizagem e dando voz às palavras de Freire (1989, p.36): “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”.

Num contexto geral, para estar à frente de uma turma, seja de crianças ou EJA, do ensino particular ou público, acredita-se que o docente deve estar ciente da profissão que escolheu e das transformações que poderá desencadear em seu aluno, na sua turma, na sociedade.

Para verificar a autoimagem dos participantes e encerrar a entrevista, solicitou-se ao participante completar a seguinte frase: “Eu sou uma pessoa...”. Dos onze entrevistados, oito consideram-se uma pessoa alegre, responsável e comprometida com o trabalho e a vida; dois se dizem apaixonados pela EJA; e um, acolhedor e motivador de seus alunos, como mostram os seguintes depoimentos:

Sou simpático alegre. Não é à toa que todos gostam de mim, até mesmo os que não são meus alunos e isso me deixa muito contente. Tudo que faço é com carinho e amor (P5).

Apaixonada pela questão EJA. Já fui coordenador da EJA em Cabo Verde. Fui escolhido o melhor e até ganhei um curso na Universidade Católica de São Paulo [Brasil] (P6).

Uma pessoa motivadora de seus formandos. Gosto de acolhê-los estou para reformar e já estou com saudades dos meus alunos. Sou feliz no meu trabalho, chega a hora me ponho bonita e vou (P10).

Os depoimentos mostram pessoas motivadas com o trabalho, até mesmo a professora P10, que se encontra em fase de pré-aposentadoria (reforma). Nas salas de aula da EJA, em Cabo Verde, é perceptível que muitos alunos se encontram desmotivados para dar continuidade aos estudos devido a fatores como: um dia intenso de trabalho; temperatura muito baixa ou muito alta; espaço escolar não apropriado; dificuldades financeiras e de deslocamento; idade, entre outros. A impressão que se tem é que, de fato, é o olhar motivador e atencioso do professor que mantém esses educandos no espaço escola.

5 Considerações finais

Analisar os significados e sentidos atribuídos aos saberes e fazeres da atuação na EJA por professores cabo-verdianos foi o objetivo geral do presente trabalho. Com base na literatura consultada e nos resultados da pesquisa, foi possível elaborar as seguintes considerações: em relação aos saberes, constatou-se que Paulo Freire foi e continua sendo referência para o desenvolvimento da EJA e da prática docente dos educadores. Os entrevistados referem-se à Freire como mentor da erradicação do analfabetismo no país. Ele organizou a Educação de Jovens e Adultos e as cartilhas de alfabetização no arquipélago, contribuindo também para o formador do grupo de coordenadores e professores.

Quanto aos fazeres, a maior parte dos entrevistados trabalha com a EJA por opção pessoal. Esse pode ser o diferencial de uma prática docente estimuladora da aprendizagem do aluno. Também é imprescindível citar o desdobramento dos professores para incentivar seus alunos a permanecerem na escola e darem continuidade aos estudos. Os estímulos vão desde



coisas muito simples, como o xerox de um texto que eles utilizam em todas as turmas, de maneira que os alunos podem emprestar uns aos outros até as palavras de incentivo.

Ao concluir esta escrita, faz sentido repetir as palavras citadas por todos os professores que participaram da pesquisa: *amar a EJA*. O amor é o incentivo que tanto o aluno quanto o professor precisam, quando inseridos na educação de jovens e adultos. Ele culmina com a paciência que o mediador precisa ter para alfabetizar um indivíduo que nunca frequentou a escola. Alinha-se à compreensão da realidade do aluno que se afasta das aulas por uma ou duas semanas, para trabalhar em outra ilha e, ao retornar, é recebido com alegria e posto a par do que ocorreu nas aulas anteriores. Isso é um fazer oculto que não está na disciplina universitária ou em um livro didático, mas sim que precisa estar na identidade do educador que trabalha com a EJA.

YOUTH AND ADULTS EDUCATION UNDER THE PERSPECTIVE OF TEACHERS FROM CAPE VERDE, AFRICA

Abstract: This paper presents a research developed with Cape Verdean teachers who work in the Youth and Adults Education (EJA). It aimed to analyze the teachers' knowledge and practices, and identify the students' motivations and learning difficulties based on the teachers' beliefs. The research took place on São Vicente island, which is located in Cape Verde, Africa, in February 2014. A public school where the Culture Circus happens, an activity aimed to EJA students, was investigated. Among the participants were eleven teachers, including male and female genders, who work with different subjects. Data collection was conducted through interviews which were recorded in audio and transcribed for further content analysis. The methodology used to develop the research was based on readings about the culture of that country, school development and public policies designed for general and specific EJA education. The study shows that the education in Cape Verde has improved significantly, mainly after the country's independence in 1975. It was also observed that the Ministry of Education has promoted education practices, and that some of the participants involved in such practices are already taking post-graduation degrees in order to make both the teaching and learning processes more meaningful. Finally, the teachers' attempts to motivate the students to finish their studies are noticeable in the sense that all the participants interviewed mentioned their love for EJA and responsibility for their teaching practice.

Keywords: Youth and adults education. Cape Verde. Teacher education.

Referências

ALMEIDA, B. **Pensar e construir habitação o contexto do realojamento social cidade do Mindelo**. Coimbra: FCTUC, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CABO VERDE. Conselho de Ministros. Decreto-Legislativo nº 2/2010 de 7 de maio. Revê as Bases do Sistema Educativo, aprovadas pela Lei nº 103/III/90, de 29 de Dezembro, na redação dada pela Lei nº 113/V/99, de 18 de Outubro. **Boletim Oficial da República de Cabo Verde**. Série I, Suplemento 17, 2010. Disponível em: <www.f8o2a4a6-29p3gryt-2m1j8e5y-45070m01-7n6x4a9e-3e1g4t5y-0k1y4w8d-271vmppc>. Acesso em: 23 mar. 2014.

CABO VERDE. Assembleia Nacional Popular. **Constituição da República de Cabo Verde**. 1990.

CUNHA, C. M. da. Discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC **Salto para o futuro: educação de jovens e adultos**. Brasília, 1999.

FAZENDA, I. C. A. **Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, J. P. M. **Evolução da educação em Cabo Verde: antes e depois da independência**. 2008. 60 f. (Monografia) - Instituto Superior de Educação. Praia, Cabo Verde, 2008. Disponível em: <<http://portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2688/1/Mono%20Jo%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GENTILI, P. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LUZZI, D. **Educação ambiental: uma relação intrínseca**. Barueri, SP: Manole, 2012.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

OLIVEIRA, I A.; SANTOS, T R L. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. 2007. Disponível em: <30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3039-Int.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

REIS, F. do C. S. dos. **Avaliação de necessidade de formação em professores do ensino secundário em Cabo Verde**. 2009. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de



Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Lisboa, 2009. Disponível em:
<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11127>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SOARES, L. J. G. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Presença Pedagógica**, São Paulo, v.2, n.11, set/out. 1996.

TEIXEIRA, O. L. **Ensino aprendizagem da escrita na educação básica de adultos em Cabo Verde: concepções e métodos**. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

UNESCO. **Educação de Jovens e Adultos nos países de língua portuguesa: novos diálogos para a cooperação sul-sul**. Brasília: UNESCO, MEC, ABC, 2007.

VÓVIO, C. L. Formação de educadores de jovens e adultos: a apropriação de saberes e práticas conectadas à docência. In: SOARES, L. J. G. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.60-77 (Coleção Didática e Prática de Ensino).